

## **O CINEMA DE ANIMAÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: potencialidades para além da reprodução do “real”**

*ANIMATION CINEMA IN GEOGRAPHY EDUCATION: potentialities beyond the reproduction of the “real”*  
*CINE DE ANIMACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA: potencialidades más allá de la reproducción de lo “real”*

### **RESUMO**

A partir de dados obtidos em pesquisa realizada pela Rede Internacional de Pesquisa “Imagens Geografias e Educação”, constatamos que o cinema de animação é pouco utilizado para se trabalhar conteúdos/temas da Geografia. A presença reduzida das animações em sala de aula pode ser explicada por uma prática assentada na concepção instrumental e ilustrativa do cinema que prioriza a representação da realidade dos conteúdos, ou seja, uma certa verossimilhança entre os filmes e o real. Em vista disso, buscou-se, neste trabalho, discutir as potencialidades do cinema de animação a partir do filme “O Menino e o Mundo”. Destacamos algumas imagens/momentos do filme para demonstrar que uma das potencialidades do cinema de animação no ensino de Geografia pode estar justamente em sua capacidade de produzir formas e estéticas que não buscam necessariamente a reprodução do real. Assim, concluímos que o próprio afastamento do cinema de animação em relação à “realidade fotográfica” pode se apresentar como potencialidade na discussão de temas e questões geográficas.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia; Filmes de animação; Cinema; Realidade fotográfica; Linguagem.

### **ABSTRACT**

Based on data obtained in research carried out by the International Research Network “Images, Geographies and Education”, we found that animated films are little used to work on Geography content/themes. The reduced presence of animations in the classroom can be explained by a practice based on the instrumental and illustrative conception of cinema that prioritizes the representation of the reality of the content, that is, a certain verisimilitude between films and reality. In view of this, this work discuss the potential of animated cinema based on the film “The Boy and the World”. We highlight some images/moments from the film to demonstrate that one of the potential of animated cinema in Geography teaching may lie precisely in its ability to produce forms and aesthetics that do not necessarily seek to reproduce reality. Thus, we conclude that the very distance of animation cinema in relation to “photographic reality” can present itself as a potential in the discussion of geographical themes and issues.

**Keywords:** Geography Teaching; Animated movies; Cinema; Photographic Reality; Language.

### **RESUMEN**

Con base en datos obtenidos en investigaciones realizadas por la Red Internacional de Investigación “Imágenes, Geografías y Educación”, encontramos que las películas animadas son poco utilizadas para trabajar contenidos/temáticas de Geografía. La reducida presencia de animaciones en las clases se explica por una práctica basada en la concepción instrumental e ilustrativa del cine que prioriza la representación de la realidad de los contenidos, es decir, una cierta verosimilitud entre las películas y la realidad. Ante esto, este trabajo buscó discutir el potencial del cine animado por medio de la película “El niño y el mundo”. Destacamos algunas imágenes/momentos de la película para demostrar que una de las potencialidades del cine de animación en la enseñanza de la Geografía puede radicar precisamente en su capacidad de producir formas y estéticas que no necesariamente buscan reproducir la realidad. Así, concluimos que la distancia misma del cine de animación en relación con la “realidad fotográfica” puede presentarse como un potencial en la discusión de temas y cuestiones geográficas.

 Anderson Luiz Rodrigues de Oliveira <sup>a</sup>

 Flaviana Gasparotti Nunes <sup>b</sup>

<sup>a</sup> Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, MS, Brasil

<sup>b</sup> Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, MS, Brasil

**DOI:** 10.12957/geouerj.2023.80765

**Correspondência:** flaviananunes@ufgd.edu.br

**Recebido em:** 13 dez. 2023

**Revisado em:** 14 dez. 2023

**Aceito em:** 14 dez. 2023



**Palabras-clave:** Enseñanza de Geografía; Películas de animación; Cine; Realidad Fotográfica; Lenguaje.



## INTRODUÇÃO

Tendo em vista a forma majoritária com que o cinema tem sido abordado e utilizado na escola e em específico no ensino de Geografia, nosso intuito neste texto é problematizar a perspectiva a partir da qual a Geografia tem trabalhado filmes em sala de aula. Com isso, procuramos apontar outras possibilidades e olhares sobre o cinema em contextos educativos.

Para atingir o objetivo proposto, nos voltamos ao debate sobre a reduzida presença das animações no âmbito do ensino de Geografia e, tomamos como referência o filme de animação “O Menino e o Mundo” a fim destacar as potencialidades desta forma de cinema para a análise sobre questões e temas geográficos.

O ponto de partida para a nossa discussão foram os dados obtidos em pesquisa realizada pela Rede Internacional de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”<sup>1</sup> sobre a utilização de filmes nas aulas de Geografia, bem como sua relação com os temas/conteúdos trabalhados<sup>2</sup>.

O texto está organizado em três momentos. Em um primeiro momento, apresentamos a perspectiva de utilização do cinema historicamente assumida pela escola e como essa foi e tem sido adotada pela Geografia no que diz respeito às suas práticas de ensino. Num segundo momento, caracterizamos brevemente o cinema de animação e problematizamos sua presença reduzida no ensino de Geografia. Por fim, no terceiro momento, apontamos as potencialidades do cinema de animação para o ensino de Geografia tendo como referência o filme “O Menino e o Mundo”.

### **Cinema, educação e ensino de Geografia: a perspectiva instrumental**

O cinema no Brasil, desde sua gênese, teve um caráter bastante ligado à educação das massas, tendo sido a produção cinematográfica fundada a partir da ideia de impulsionar “[...] o processo civilizador e formar moralmente os povos [...]” (DUARTE e ALEGRIA, 2008, p.61).

Roquette-Pinto, segundo Duarte e Alegria (2008, p. 62), teria sido o pioneiro no Brasil a pensar o filme a partir de sua utilização educativa, iniciando, ainda em 1910, a “filmoteca de caráter científico e pedagógico

---

<sup>1</sup> “Imagens, geografias e educação” é uma rede internacional de pesquisa que reúne pesquisadores de instituições e grupos de pesquisa do Brasil e de instituições estrangeiras. A principal motivação da rede é tensionar as imagens do seu lugar fixo enquanto parte de uma política instrumentalizadora, na qual as imagens são pensadas enquanto ilustração e representação de temas e conteúdos e, com isso, pensá-las enquanto potencializadoras de novos pensamentos. Para maiores informações: <https://www.geoimagens.net/>.

<sup>2</sup> Entre os anos de 2016 e 2017, a Rede Internacional “Imagens, Geografias e Educação” realizou uma pesquisa integrada entre seus polos buscando verificar, a partir da aplicação de um questionário, como os professores de Geografia estavam se apropriando do cinema em sala de aula. Foram aplicados questionários aos professores de Geografia da rede básica de cinco estados do Brasil: São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul. No total, 136 participantes responderam ao questionário. Também foram aplicados questionários em escolas da Argentina e da Colômbia, no entanto, para os fins deste trabalho, nos deteremos aos dados do Brasil.



no Museu Nacional”. Os autores apontam que o cinematógrafo integraria as atividades em sala de aula a partir da terceira década do século XX, sendo apropriado pela instituição escolar sob a ideia de que tornaria as aulas mais interessantes e eficazes, solucionando de maneira rápida os problemas da educação do povo brasileiro.

Esse movimento de adesão da “cinematografia educativa” promovido pelos educadores ganha força em 1932, quando o Decreto 21.240, assinado por Getúlio Vargas, apresentou em seu texto, o documentário como “um instrumento de inigualável vantagem para instrução do público [...]”, além do chamado “cinema educativo” como um material que teria “[...] vantagens especiais de atuação direta sobre as grandes massas populares e, mesmo, sobre analfabetos”. O Decreto instituiu, ainda, um serviço nacional de censura, ficando reservado ao Ministério da Educação e Saúde Pública a autorização de exibição e a possibilidade de intervenção no conteúdo dos filmes (Brasil, 1932).

A ideia de tornar as aulas mais atraentes aos alunos é uma justificativa bastante utilizada, ainda na atualidade, para o uso do cinema (e outras linguagens) em sala de aula. Daí sua utilização sob o pressuposto de transmitir os conteúdos escolares para além de uma forma convencional. Nesse sentido, Duarte e Alegria (2008, p.69) nos apontam que a utilização do cinema em sala de aula tem se dado a partir de um caráter instrumental, ou seja, um tipo de exibição cujos filmes aparecem como uma ferramenta para o ensino de conteúdos curriculares, em geral, desconsiderando aspectos da linguagem, sua dimensão histórica, estética e cultural.

No mesmo sentido dessa “instrumentalização” do cinema pela educação, Almeida (2017) refere-se a uma pedagogização do cinema. O autor aponta que a escola perdeu, com a ascensão das mídias de massa, grande parte de sua função no controle da “formação do gosto”, do “regime de informações” e dos “bens culturais”, provocando, então, um encolhimento desta no que diz respeito a sua função formadora. De acordo com o autor, a escola passaria por uma “pedagogização generalizada” de tudo que se considera concorrente a ela no que diz respeito à formação cultural dos jovens. Assim, tudo que fosse “alheio” à escola poderia ser instrumentalizado “[...] para se atingirem os fins pedagógicos historicamente assumidos pela instituição” (ALMEIDA, 2017, p.6).

Referindo-se ao cinema, Almeida (2017, p. 7) fala de uma pedagogização a partir da qual

[...] o filme deixa de operar esteticamente, deixa de ser obra de pensamento, de criação, perde sua condição de resistência, de desnaturalização, desveste-se de seu imaginário e de sua condição de obra de arte para servir a propósitos didático-pedagógicos que o transformam em referente de um significado que está em outro lugar que não no próprio filme. Assim considerado, o cinema é um mediador entre os alunos e o conteúdo a ser “discutido”, sem que entre na relação o conteúdo propriamente cinematográfico.



Em se tratando da relação entre o cinema e a Geografia na escola, observa-se que a referida concepção instrumental está bastante presente na medida em que o próprio termo “instrumento” ou mesmo “ferramenta” são frequentemente associados ao cinema. Essa concepção instrumental do cinema na escola e, no caso específico da Geografia, comparece por meio de uma perspectiva ilustrativa de cinema, principalmente como forma de ilustração das paisagens e conteúdos geográficos.

Ao analisar os dados obtidos em pesquisa com professores de Geografia das escolas públicas de Dourados (MS), Nunes (2021) aponta para a forte presença dessa dimensão instrumental do cinema, visto também como ilustração do conteúdo. Nesse sentido, conclui que os filmes “são tomados como ilustração verdadeira e realista do que se deseja ensinar, com forte apelo às paisagens dos lugares onde as narrativas se desenvolvem, buscando-se uma certa verossimilhança entre os filmes e o real.” (NUNES, 2021, p. 12).

Ao discutir a relação entre o cinema e a Geografia, Oliveira Jr. (2005) aponta para o que chama de “geografias de cinema”. De acordo com o autor, essas geografias seriam

[...] os estudos e os encontros com a dimensão espacial na qual os personagens de um filme agem. Um espaço composto de territórios, paisagens e metáforas: dentro e fora, amplo e restrito, subir e descer, movimentos diagonais, fronteiras diversas, percursos por estradas, rios e oceanos interiores, ambientes simbólicos traduzidos em florestas, desertos, montanhas, cidades... (OLIVEIRA JR., 2005, p.28)

Para o autor, não haveria nos filmes uma geografia pronta, ali esperando por ser “retirada”, mas estes estariam a construir em nós geografias, pensamentos acerca do espaço, à medida que somos “confrontados” por suas imagens e sons e a estes atribuímos significados a partir de nossas vivências e espacialidades. Assim, nas geografias de cinema, “nós que ‘colocamos’ nas imagens e sons os sentidos que terão nessa interpretação espacializada das obras cinematográficas” (OLIVEIRA JR. 2005, p. 29).

Com esse movimento, o autor propõe uma mudança na perspectiva de pesquisa com filmes, apontando para que se deixe de olhar para uma suposta Geografia contida nestes, esperando por ser encontrada, passando-se, então, a olhar para quais geografias estes produzem, ou ainda, quais geografias são produzidas a partir dos filmes como resultado do contato que temos com suas imagens e sons.

Conforme Queiroz Filho (2011, p. 69), “a própria palavra ‘produzir’ ao invés de encontrar, por exemplo, já nos propõe uma mudança de sentido”. De acordo com o autor, essa mudança

[...] não comunga com a ideia de que há algo anterior, de que a geografia está dentro do filme ou dentro de nós, apenas, e o filme como uma superfície sobre a qual emergimos com essas formas de conhecimento. Do mesmo modo, o cinema nos faz repensar a próprio conceito de espaço geográfico, que deixa de ser apenas superfície, para o qual se dirige o nosso olhar, para ser um modo de pensar [e agir] o mundo, o próprio olhar. (QUEIROZ FILHO, 2011, p.69)



Nesse sentido, trata-se de uma proposta na qual o cinema é entendido não do ponto de vista da dimensão meramente ilustrativa, mas como produtor de sentidos e espacialidades a partir de elementos estéticos e aspectos próprios de sua linguagem.

Na mesma direção, Pimenta e Ferraz (2014, p.103) também apontam que “o cinema produz novas sensibilidades, uma obra cinematográfica não é apenas representação do real, mas também é uma produção do novo [...]”, que resulta de nossos contatos perceptivos com cada obra.

Frente a um contexto de utilização do cinema pela Geografia em sala de aula, o qual, em geral, ainda é dominado pela ideia de ilustração “verdadeira e realista” dos conteúdos, como se colocaria o cinema de animação?

### O cinema de animação no ensino de Geografia

De acordo com Athayde (2013) “em seu significado mais geral, animação é processo de criação da ilusão de movimento através da exibição rápida de uma sequência de imagens estáticas que apresentam mínimas diferenças entre si” (ATHAYDE, 2013, p. 11).

A Associação Internacional do Filme de Animação (ASIFA) ao definir a animação aponta:

Enquanto o cinema de ação ao vivo prossegue no sentido de uma análise mecânica, através da fotografia, de acontecimentos semelhantes aos que serão apresentados na tela, o cinema de animação cria os acontecimentos utilizando procedimentos diferentes daqueles utilizados durante o registro automático. Em filmes de animação, os acontecimentos ocorrem pela primeira vez na tela (BENDAZZI, 2004, p. 03; Apud RIBEIRO, 2019, p. 63).

Ribeiro (2019) defende a ideia de que a animação não seria um gênero do cinema. Para o autor, se o fosse, o cinema “de ação ao vivo” ou *live-action* também seria um gênero. Dessa maneira, argumenta que “radicalizando o discurso em favor da animação, poderíamos dizer o contrário, que o cinema não passa de uma espécie de animação de fotografias, um subproduto da animação e o que definitivamente o é, ou seja, uma tecnologia que produz a ilusão de movimento de imagens fixas.” (RIBEIRO, 2019, p. 61). De acordo com o autor, a classificação por gênero cinematográfico se daria por sua função comercial no contexto da sociedade industrial.

Vale ressaltar que desde sua origem, nas primeiras décadas do século XX, a animação foi “capturada” quase que completamente pela indústria do entretenimento, passando a ser vista pela maioria das pessoas como sinônimo de filmes infantis (BENDAZZI, 2004, p. 03; Apud RIBEIRO, 2019, p. 60). Dessa maneira,



[...] criou-se a falsa impressão de que a animação seria uma derivação do cinema. Talvez essa seja a causa da inversão de prestígio entre as práticas, que se perpetua até hoje, convertendo a animação em um subproduto do cinema, um gênero menor, uma arte ingênua, destinada somente a entreter crianças. (RIBEIRO, 2019, p. 60-61)

A animação seria, então, um modo distinto de fazer cinema, que, assim como o cinema de filmagem ao vivo, pode ser realizado “[...] dentro de vários gêneros cinematográficos como o western, a comédia, o drama, o filme noir, o thriller etc.” (RIBEIRO, 2019, p. 61), o que não transformaria, de acordo com o autor, o cinema de animação e o cinema *live-action* em macro gêneros cinematográficos, apenas configurando-se como diferentes formas de se fazer cinema.

Em resumo, a animação seria a criação de uma ilusão de movimento a partir de imagens estáticas, “enganando” o olhar do espectador ao passar de uma imagem para a outra, ou seja, a construção do movimento quadro a quadro, com o intervalo entre os quadros constituindo a chave da ilusão do movimento.

Frente às características das animações, que, em geral, não buscam uma verossimilhança com o “real” no que diz respeito a seus elementos imagéticos, cabe apontar que a ideia de “real” da fotografia do cinema *live-action* também não é igual à realidade, visto que é produzida a partir de noções e formas de representação arbitrárias da mesma.

Assim, a noção de utilização do cinema de “ação ao vivo” para fins ilustrativos da realidade nas aulas de Geografia também pode e deve ser problematizada, uma vez que, “[...] cinema ou animação são artifício, isto é, fantasia e não realidade. Daí, a discussão não deveria ser pautada sobre quem é mais real ou verossímil, mas se é eficaz ou não na sua forma de representação das coisas do mundo.” (RIBEIRO, 2019, p. 61)

O ponto é que, na atualidade, tornou-se muito difícil separar o cinema de ação ao vivo do cinema de animação. Ribeiro (2019, p. 64) aponta que hoje, sobretudo com o advento do CGI (*Computer Graphic Imagery*), não é possível separar a animação do cinema ao vivo. De acordo com o autor, há uma hibridização e permeabilidade das mídias. Assim, em um filme de ação ao vivo, pode-se utilizar de animação digital (cada vez mais recorrente) para criar o que não se encontra correspondência na realidade, não se pode capturar do “real” ou ainda, para facilitar o que seria de difícil captura pelas câmeras a partir da fotografia.

No entanto, neste trabalho nos pautamos no entendimento das animações como produções nas quais os acontecimentos e o movimento são criados e ocorrem (pela primeira vez) na tela, seja a Animação Tradicional, em 2D, a partir de desenhos, ou Animação Digital, em 3D, produzidas a partir da computação gráfica.



Feitas essas considerações, retomamos o questionamento feito ao final do item anterior: como o cinema de animação se insere no ensino de Geografia no contexto de práticas marcadas por uma dimensão instrumental na qual os filmes são utilizados enquanto ilustração verdadeira e realista dos conteúdos?

Pensamos essa questão a partir dos dados obtidos pela Rede Internacional de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação” na pesquisa anteriormente mencionada e voltamos nossa atenção para pergunta do questionário que solicitava aos professores de Geografia da rede básica participantes, o seguinte: “Quais filmes você usa para trabalhar quais conteúdos ou temas de geografia?”.

Dentre os filmes citados, observa-se que aparecem poucos títulos de animações em comparação com a quantidade total de títulos. Dentre os 231 diferentes títulos citados, apenas 17 são referentes ao cinema de animação. São eles: “A Era do Gelo 1”, “A Era do Gelo 3”, “A Era do Gelo 4”, “O Menino e o Mundo”, “A Fuga das Galinhas”, “Uma história de amor e fúria”, “Vida Maria”, “Os Sem Floresta”, “WALL-E”, “Mulan 1”, “Mafalda”, “A Viagem de Chihiro”, “O Rei Leão”, “Persépolis”, “Up - altas aventuras” e “Morte e Vida Severina”. Além desses títulos aparece “A história das coisas” que é um documentário, porém, realizado a partir da utilização de elementos do cinema de animação, que conforme discutido anteriormente segundo Ribeiro (2019), pode ser realizado (O cinema de animação) dentro dos vários gêneros cinematográficos.

Assim, constatamos que apenas 7% do total de títulos utilizados pelos professores participantes da pesquisa, são de animação. Uma possível explicação para a reduzida utilização de filmes de animação pelos professores de Geografia estaria relacionada ao predomínio da perspectiva instrumental que restringe essa linguagem a uma ferramenta para ilustrar o conteúdo e a própria realidade.

Tendo em vista esse cenário, na sequência, enfocaremos uma das animações citadas pelos professores de Geografia. A partir da discussão sobre suas características, bem como sobre questões que a mesma provoca, buscar-se-á evidenciar potencialidades das animações destacando elementos estéticos próprios dessa linguagem.

### **O cinema de animação como mobilizador de olhares geográficos: a forma enquanto potência**

Os filmes animados são, por vezes, considerados menos “sérios” e, por isso, ignorados para trabalhar temas geográficos. Isso se deve, como já mencionamos, à predominância de uma perspectiva que busca uma dada “realidade” que supostamente estaria representada nas imagens e paisagens do cinema de ação ao vivo.

Dentre os filmes de animação citados pelos professores na pesquisa que embasa nossa discussão, está o longa-metragem animado intitulado “O Menino e o Mundo”, do diretor brasileiro Alê Abreu, lançado em 20



de setembro de 2013 no *Ottawa International Animation Festival*. O filme multipremiado e indicado para concorrer ao *Oscar* (edição 2016) narra os caminhos tomados pelo Menino Cuca, cujo pai vai embora da casa no campo em busca de trabalho na cidade. Ao longo do filme, acompanhamos a trajetória do Menino entre campo e cidade na busca pela figura do pai e, através do seu olhar, passamos a observar as relações construídas a partir de uma narrativa que, por vezes, se aproxima do onírico.

A animação é produzida com diversas técnicas como colagens, desenhos a lápis e giz. A combinação dessas técnicas diversas é o que produz as formas, as cores e as texturas que se constituem como elementos fundamentais da narrativa. São esses elementos colocados em movimento que resultam na animação “O Menino e o Mundo.”

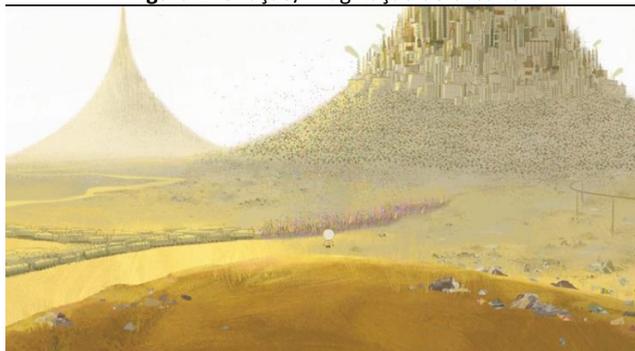
O filme em questão é citado pelos professores de Geografia para trabalhar os temas/conteúdos sobre “relações de produção, trabalho e questões ambientais”. Esses temas são, sem dúvida, possíveis de serem trabalhados a partir/através desse filme. Entretanto, para além dos conteúdos/temas abordados mais diretamente no filme, este apresenta elementos bastante característicos e próprios da linguagem das animações de modo que sua própria forma demonstra as potencialidades das animações em relação às discussões geográficas, conforme veremos adiante.

De acordo com Uchoa:

Na animação de Abreu, a sucessão de planos pode unir espaços bastante díspares, em termos de enquadramentos e proporções. Num ambiente plasticamente maleável, o protagonista desloca-se entre florestas, horizontes, jardins, morros e ruas, cada qual com suas regras de composição também cambiantes. A principal constante, neste caso, é uma espécie de geografia criativa, pautada pela presença gráfica e corporal do personagem, cuja função é atribuir continuidade a espaços diferentes e em constante mutação. (UCHOA, 2018, p. 6)

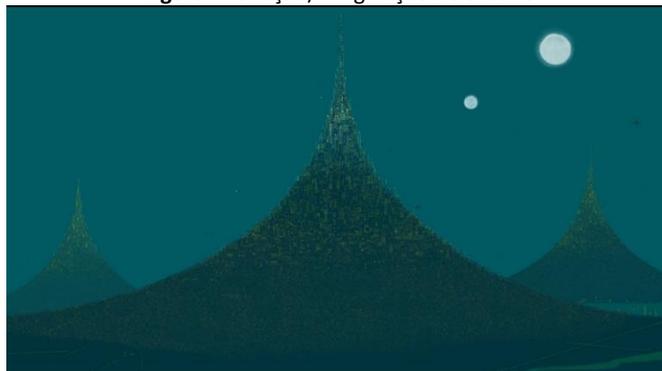
Tomemos como exemplo as duas imagens a seguir (Figuras 1 e 2), que apresentam uma das cenas recorrentes na animação e nos possibilitam visualizar um dos aspectos dessa linguagem.

**Figura 1.** Criação/imaginação do urbano



Fonte: “O menino e o mundo”, de Alê Abreu (2013).

**Figura 2.** Criação/imaginação do urbano



Fonte: “O menino e o mundo”, de Alê Abreu (2013).

A partir das cenas apresentadas, é possível observar que a animação cria uma forma específica para compor a paisagem urbana do que seria a periferia do “sistema-mundo” de sua representação. Uma das leituras possíveis para a forma da cidade criada pela animação se dá no sentido de que essa forma praticamente dá visibilidade à ideia de uma “pirâmide social” expressa na paisagem urbana. A forma da cidade criada pela animação permite a visualização potencializada do movimento de acúmulo do capital, que é sustentado por uma base explorada a partir da qual a riqueza é empilhada e se eleva até o topo (cada vez mais iluminado à medida que se eleva).

A medida em que acompanhamos a paisagem e suas dinâmicas pelo olhar de Cuca (Menino, personagem principal da animação), vemos recursos partindo de portos em cargueiros carregados de contêineres e chegando em outro espaço além-mar. Esses recursos chegam no que pode ser entendido como outro país e, com isso, observa-se uma mudança na forma da paisagem produzida, conforme pode ser observado nas imagens a seguir.

**Figura 3.** País/cidade-nave



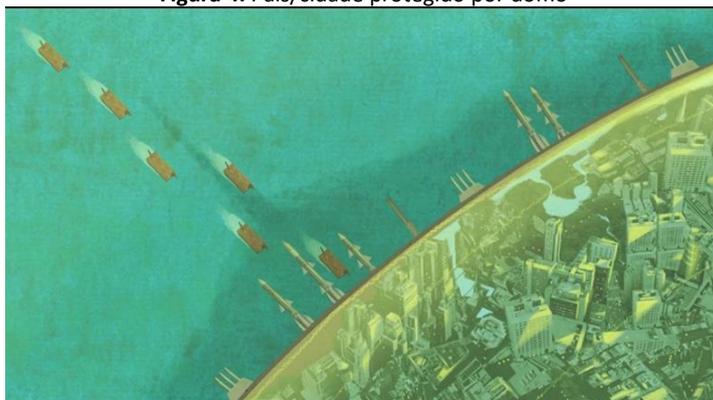
Fonte: “O menino e o mundo”, de Alê Abreu (2013).

Desta vez, as cidades estão suspensas, flutuando sobre o oceano, em formas que produzem a imagem de “naves alienígenas”. Cercadas por um domo que as isola do ambiente externo e muros com mísseis (Figura 4), estas “abduzem” apenas as mercadorias, transformando-as em produtos industrializados que posteriormente retornam para ser vendidos nas cidades de onde partiram inicialmente.

A partir dessas formas e da estética com a qual a animação se constrói, as articulações de escalas do local ao global são possíveis, produzindo noções sobre globalização, divisão internacional do trabalho, etc. sem que qualquer palavra seja dita.

A animação dá visualidade a essas ideias, produz essas paisagens por meio das quais são possibilitadas as articulações entre as escalas presentes em seu interior. Vale ressaltar que cabe ao professor fazer a mediação do processo de construção dessas articulações entre os elementos da linguagem e as geografias que esta possibilita.

**Figura 4.** País/cidade protegido por domo



Fonte: “O menino e o mundo”, de Alê Abreu (2013).

Nesse sentido, é possível apontar que uma das potencialidades da animação é que esta permite a visualização de formas que, apesar de não buscarem o que seria uma “realidade” fotográfica, pode falar desta (da realidade) através dos diferentes sentidos criados por estas formas. Formas estas que podem ser criadas a partir de noções abstratas. Assim, a animação, ao criar essas formas para compor sua paisagem, permite a visualidade desses elementos antes alcançados no nível da abstração, da palavra.

A ideia que se busca demonstrar aqui é que a forma da animação pode servir como potencializadora de discussões ou conteúdos. De acordo com Pareyson, “o conteúdo nasce como tal no próprio ato em que nasce a forma, a forma não é mais que a expressão acabada do conteúdo”. (PAREYSON, 1997, p. 56). Dessa maneira, o invisível do conteúdo só se tornaria visível pela forma. Assim, a forma e o conteúdo são inerentes um ao outro, inseparáveis.



É preciso ressaltar que o filme apresenta diversas possibilidades de leituras e outros elementos que poderiam ser apresentados como exemplos. Entretanto, a ideia é demonstrar como elementos próprios da linguagem da animação, a forma através da qual é produzida, também pode ser geradora e potencializadora de leituras espaciais.

Mesmo pensando a animação em questão na perspectiva de visualização de paisagens, muito buscada pelos professores em relação aos filmes de ação ao vivo no sentido de “retratar paisagens reais”, os filmes animados, por criarem essas “formas” por meio das mais diferentes estéticas e não estar preso, necessariamente, à forma “real” das paisagens, mobilizam o sujeito a sair da posição de passividade diante dessas paisagens.

Assim, o sujeito realiza um esforço de interpretação e criação a partir/através de seus referenciais geográficos, buscando entender como essas paisagens se articulam no interior do filme. Nesse ponto, é importante ressaltar que, seja em um filme de ação ao vivo, ou em um filme de animação, quando se olha para a paisagem, é preciso buscar a articulação desta com os demais elementos do filme.

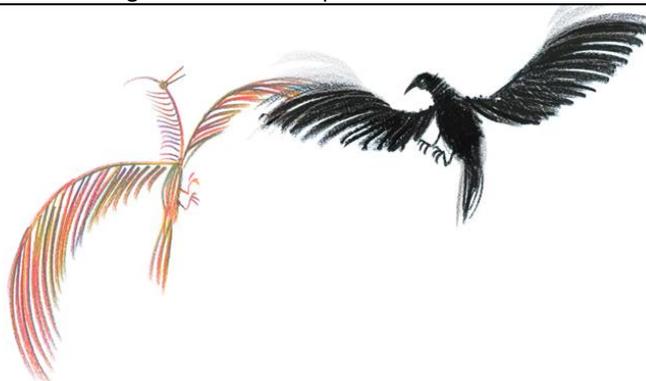
A animação aqui discutida não está apresentando uma paisagem que busca uma realidade fotográfica, não deixa claro o local onde ocorre (ou não demarca uma localização específica). Conforme Dantas Junior e Góes (2020, p. 135),

Tal indefinição de lugar é notória por toda a trama que não apresenta uma localização espacial específica, permitindo assim, que se pense em diversos lugares do mundo que adote práticas semelhantes de apropriação da natureza, e ao mesmo tempo cria margem para representar qualquer lugar, até mesmo o lugar de vivência do indivíduo ao qual está sendo apresentada a obra.

Assim, acreditamos que a potência está justamente no ato de pensar com a obra, sem que a paisagem esteja presa a uma representação de lugar específico que se quer “ilustrar”, mas sim evocando suas articulações e dinâmicas no interior da própria animação, enriquecendo a compreensão sobre a realidade.

Outro elemento recorrente na animação e que pode nos ajudar a pensar as questões aqui discutidas é a figura da ave colorida que surge em conjunto com as manifestações populares e suas músicas. As cores produzidas por essas manifestações remetem ao espaço rural idealizado produzido na animação, irrompendo do acinzentado do espaço urbano, que aparece como ambiente agressivo e de repressão. Conforme Uchôa (2018, p. 3), esse espaço rural associado à ave colorida se apresenta como “[...] síntese da liberdade e da pluralidade de culturas.”. Ao mesmo tempo, tem-se a figura de uma águia preta, “cujas simetrias e poses remetem a algo de fásccio” (UCHOA, 2018, p. 3) associado à repressão, padronização, simetria do espaço urbano.

Figura 5. Embate dos pássaros



Fonte: “O menino e o mundo”, de Alê Abreu (2013).

Essas duas figuras (das aves) entram em confronto ao longo do filme, culminando no retorno do Menino ao campo, onde termina sua jornada. As imagens referentes aos espaços rural e urbano se constroem nas formas das paisagens, das cores, texturas e sons que compõem a animação. Ou seja, seu “conteúdo” se revela através das formas criadas na animação para apresentar esses espaços.

Diferente de apenas buscar uma representação realista de conteúdos no filme, se propõe um olhar que se dá em relação à forma, pois, a forma também se constitui como elemento fundante do conteúdo assim como o conteúdo produz a forma em uma relação dialética. A utilização de filmes restrita à busca da “realidade fotográfica” de conteúdos desconsidera elementos importantes que animações como O Menino e o Mundo possibilitam enquanto linguagem.

Assim, diferente de se buscar no filme uma suposta realidade da paisagem a que se quer representar, quando olhamos para a animação, o exercício é pensar com suas formas e quais imagens e geografias podemos construir com essas formas. Quais sentidos a paisagem que ganha forma na animação produz em nós.

Com isso, a ideia é que o filme não estaria sendo visto apenas como recurso didático, pois, diferente de sua utilização como ilustração da realidade ou do conteúdo, a ideia aqui seria de pensar com o filme, pensar com a forma cinema, pensar com a forma animação.

Retomando a perspectiva de cinema apresentada na primeira parte deste texto, trata-se, portanto, da busca por um olhar para o cinema em que este não é entendido em sua uma dimensão meramente ilustrativa, mas como produtor de sentidos e espacialidades a partir de elementos estéticos, aspectos próprios de sua linguagem e de nossos contatos perceptivos com cada obra.



Evidentemente que essas potencialidades dependem de cada filme, mas procuramos apontar que as animações, mesmo que estejam mais distantes da “realidade fotográfica”, podem interessar à Geografia, pois potencializam olhares/discussões geográficas ao criarem diferentes formas para expressar a realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados obtidos na pesquisa realizada pela Rede “Imagens Geografias e Educação”, constatamos que o cinema de animação é pouco utilizado para se trabalhar conteúdos/temas da Geografia em sala de aula.

A presença reduzida das animações na lista de filmes utilizados pelos professores de Geografia pode ser explicada por uma prática assentada na concepção instrumental e ilustrativa do cinema que prioriza a representação da realidade dos conteúdos, ou seja, de visualização dessa realidade nos filmes. Nesse sentido, os filmes de animação podem ser, por vezes, considerados menos “sérios” ou menos adequados para se trabalhar os conteúdos geográficos que fazem esse “apelo à realidade”.

A discussão realizada ao longo do texto conduz à conclusão de que uma das potencialidades do cinema de animação no ensino de Geografia pode estar justamente em sua capacidade de produzir formas e estéticas que não buscam, necessariamente a reprodução do real. Possibilitando, dessa maneira, a produção de diferentes geografias a partir da criação de outras visualidades para além da “realidade fotográfica”.

A primazia da ideia de representação da realidade imagética dos conteúdos a partir de filmes pode fazer com que o cinema de animação tenha uma inserção reduzida no ensino de Geografia. Entretanto, as próprias formas das animações, como se buscou demonstrar a partir do filme “O Menino e o Mundo”, podem ser potencializadoras de discussões geográficas, uma vez que essas formas, ao produzirem imagens que se desprendem da “realidade fotográfica” dão visualidade a conteúdos e discussões antes invisíveis e que estão para além da reprodução do “real”.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rogério de. **Cinema e educação: fundamentos e perspectivas**. Educ. rev., Belo Horizonte, v. 33, e153836, 2017.
- ATHAYDE, Marco Antônio Souza de. **Cinema de animação no Brasil: história e indústria moderna**. 2013. 73 f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- DANTAS JUNIOR, Reinaldo Oliveira; GÓES, Liliane Matos. **A utilização do filme O Menino e o Mundo como recurso na discussão do conceito de paisagem e suas dinâmicas**. Geopauta, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 129-140, 2020.
- DUARTE, Rosália. ALEGRIA, João. **Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação**. Educação & Realidade, n. 33 (1), p. 59-80, 2008.



NUNES, Fláviana Gasparotti. **Cinema e professores de geografia: aproximações e distanciamentos - considerações a partir da rede pública de Dourados (MS)**. ETD - Educação Temática Digital, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 415-429, 2021.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. **O que seriam as geografias de cinema?**. Txt: Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 27-33, dez. 2005.

**O Menino e o Mundo**. Direção: Alê Abreu. Produção: Tita Tessler Fernanda Carvalho. Roteiro: Alê Abreu. [S.l.]: Filme de Papel, 2013, DVD.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética** (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1997. 246p.

PIMENTA, Thiago Albano de Sousa; FERRAZ, Cláudio Benito de Oliveira. **Geografia e Cinema: encontro entre linguagens – imagem e palavra**. ENTRE-LUGAR, [S.l.], v. 5, n. 10, p. 89-105, dez. 2014.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. **A geografia vai ao cinema**. Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, SP, v. 19, n. 1, p. 61-70, jan/jun 2011.

RIBEIRO, Leonardo Freitas. **Afinal, o que é animação no cinema contemporâneo?**. In: Animação: linguagem, hibridismos e novas tecnologias. n. 37, 2019. p. 57-73.

UCHOA, Fabio. **O menino e o mundo (2013) de Alê Abreu: campo-cidade, estilo indireto livre e o direito à cidade**. E-Compós, [S. l.], v. 21, n. 3, 2018.